

O Brasil de olho na África

CONFERÊNCIA | A cultura torna-se ponto de encontro entre nossos povos

AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA

DIZEM OS especialistas em geologia que o Brasil se afasta da África 7 centímetros por ano. Mas assinalam que há 225 milhões de anos América e África eram um só continente, a Pangeia.

Achei que essa seria uma boa metáfora geológica para começar uma conferência para diplomatas africanos no Palácio Itamaraty, no dia 13. Eram 29 diplomatas que a Fundação Alexandre Gusmão, de maneira insólita, reuniu no Brasil. Não são só africanos de língua portuguesa, como eventualmente se faz, mas representantes de 24 países que falam francês, inglês e árabe, além de diversos idiomas locais. Durante um mês, além de ouvir dezenas de especialistas brasileiros, visitarão entidades de pesquisa, usinas, fábricas, pontos turísticos. Não é mais um exercício de lusofonia, apenas.

Vejamos estes três fatos: a última Copa acaba de ocorrer na África e a próxima será no Brasil; o presidente brasileiro inaugurou nesses dias meia dúzia de embaixadas na África; e agora esse "Primeiro Curso para Diplomatas Africanos" durante todo o mês de julho. Será que o Brasil está, finalmente, abrindo os olhos para o resto do mundo e saindo do "circuito Elizabeth Arden" - Paris, Nova York e Londres? Parece que sim. No mês de abril, aliás, a mesma fundação dirigida pelo embaixador e ex-ministro da Cultura Jerônimo Moscardo realizou o VIII Curso para Diplomatas Latino-Americanos.

Como a cultura, no caso latino-americano, pode ser uma *plaza mayor* entre nossos povos? Como a cultura pode corrigir as falhas geoculturais entre o Brasil e a África?

Questionando o centro. Quando, há quase 20 anos, Jean-Christophe Rufin veio à Associação Comercial do Rio de Janeiro lançar *O Império e os Novos Bárbaros* (Ed. Record), o presidente da entidade exibiu um mapa do mundo do ponto de vista japonês. No mapa japonês, o Japão está no centro e Europa e Estados Unidos, a periferia. Com efeito, Copérnico e Einstein continuam cada vez mais atuais, a relatividade aumenta e os centros mudam de lugar. E o saber universitário hoje se compraz em estudar o "nomadismo" como um fenômeno não só da migração da mão de obra, mas de movimentação das desorientadas "tribos jovens" dentro da cidade.

Quando o pensador oficial dos conservadores americanos Samuel Huntington (*O Choque de Civilizações* - Ed. Objetiva) enumera as "civilizações" que existem ou existiram, considera a América Latina como "subcivilização" e a África nem chega a existir. Posição diametralmente oposta tem, por exemplo, o nosso maior entendido em África, Alberto da Costa e Silva, que em *O Vício da África* (Ed. Sá da Costa) chegou a dizer: "Ter nível europeu é uma frase que para mim não significa nada". E o escritor polonês recentemente falecido Ryszard Kapuscinski em vários livros fez uma verdadeira redescoberta da África, pois a olhou de dentro para fora.

Uma coisa nova está em movimento. Como as placas tectônicas que se deslocam, alguns deslocamentos geopolíticos e sociais estão ocorrendo na América Latina e na África. Já o relatório do World Development Indicator apontava, em 2006, que, enquanto Europa e Estados Unidos estavam em crise, a África



Subsaariana cresceu 4,6% mais do que a média mundial e que 20 dos 50 países cresceram mais de 5% ao ano. E no que tange à América Latina, a Cepal projetou para 2010 o crescimento de 4,1%.

A chamada "periferia", que historicamente sempre ocupou um espaço impreciso e negligenciado na história, começou não apenas a ser percebida, mas a ocupar o espaço central no sistema de representação política. Um operário e retirante nordestino é o presidente do Brasil; ex-guerrilheiros são presidentes da Argentina e do Uruguai; um padre preside o Paraguai; um índio preside a Bolívia. Isso não teria maior significado se as economias desses países não demonstrassem, confluentemente, uma evidente melhora. Esse deslocamento ocorre até nos Estados Unidos, onde um negro liberal chegou à Presidência. E agora, no Brasil, temos algo singular: aquilo que se convencionou chamar de "direita" não tem candidato à Presidência. Ao contrário, temos três candidatos com uma biografia que vem da esquerda, e, mais do que isso, sintomaticamente, duas mulheres são candidatas.

I Curso para Diplomatas Africanos

5 a 29 julho 2010

Palácio Amaral

Rio de Janeiro



Iniciativa pioneira reúne no País 29 diplomatas africanos, representantes de 24 nações que falam francês, inglês, árabe e línguas locais, além do português

Coisa nova. Estamos saindo do "circuito Elizabeth Arden": Paris, Nova York, Londres...

Deslocamentos culturais. Chegou-me às mãos, esta semana, o último exemplar de *Le Nouvel Observateur* com a reportagem *Saga Africa*, dizendo: "Nunca a literatura africana foi tão rica. A prova são a ruandesa Scholastica Kukasonga, o congolês Dongala e a somaliana Nurudin Farah". Isso lembrou-me que a América Latina já teve seis prêmios Nobel: Gabriela Mistral (1945), Miguel Asúrias (1967), Pablo Neruda (1971), García Márquez (1982), Octavio Paz (1990), Derek Walcott (1992) e a África teve 4 Nobel: Wole Soyinka (1996), Naguib Mahfouz (1988), Nadine Gordimer (1991) e John Coetzee (2003).

No entanto, enquanto os países latino-americanos se independizaram há 200 anos, 17 países africanos em 1960 ainda estavam se tornando livres. Nesse continente tudo é incrivelmente antigo e fantásticamente novo. As literaturas daqueles países, a rigor, têm poucas décadas, mas seus autores lusófonos, como Germano de Almeida (Cabo Verde), Mia Couto (Moçambique), Pepetela e Ondjaki (Angola), são bem conhecidos. E o Brasil se tornou para eles e para os portugueses o

grande mercado, a ponto de alguns virem morar aqui ou tomarem o Brasil como cenário de seus romances, como Miguel de Sousa Tavares (*Rio das Flores*), Agualusa (*O Dia em que Zumbi Tomou o Rio*).

Os escritores brasileiros têm uma relação com a África ainda distante. De alguma maneira parecem se contentar com o fato de que a Bahia é uma espécie de nação africana, como ilustra bem Jorge Amado. Por isso é meio solitária a obra de Antonio Olinto, traduzida em 19 línguas, que, em *A Casa da Água*, *O Rei do Keto* e *Trono de Vidro*, retrata personagens que, saindo do Brasil, retornaram à Nigéria, ao Benin, a Gana e à Costa do Marfim.

Medidas concretas. No Brasil, a Lei 10.639, de 2003, diz que nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, é obrigatório o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Entendo que isso diz respeito a toda a África e não apenas aos países lusófonos.

Data apenas dos anos 70 os cursos de literatura africana (como na USP) e a criação na Editora Ática de uma coleção de Acionistas africanos. Hoje há vários cursos

de literatura africana nas universidades. Mas é pouco. Há que se criar "leitoados", aumentar as bolsas de tradução (que criamos na Biblioteca Nacional nos anos 90), criar programas de escritores residentes lá e cá, enfim, ter uma instituição à altura do Instituto Goethe (Alemanha), Camões (Portugal) e Cervantes (Espanha).

Uma das surpresas nesse contato com os diplomatas africanos diz respeito a um projeto antigo que talvez o atual governo realize: transformar a Lei de Depósito Legal. Em vez de um livro mandado para a Biblioteca Nacional, que separem seis livros para as bibliotecas nacionais dos povos de língua portuguesa. Produzimos 30 mil livros novos por ano. Se estivéssemos fazendo isso há 20 anos, teríamos em cada um daqueles países uma biblioteca brasileira de 600 mil volumes - uma imensa ajuda ao desenvolvimento cultural e tecnológico.

Ao ouvir isso, um dos 29 diplomatas africanos indagou: por que não mandar esses livros para toda a África?

Isso se chama "pensar grande". E prova que o continente que tem o maior deserto do mundo tem sede de Brasil.

TONINHO ARAUJO